

COM DRUMMOND NO REINO DAS PALAVRAS

Audemaro Taranto Goulart*

No final do poema “Desfile”, de *A rosa do povo*, Drummond esboça uma espécie de preparação para a morte quando diz:

Vinte anos ou pouco mais,
tudo estará terminado.
O tempo fluiu sem dor.
O rosto no travesseiro,
fecho os olhos para o ensaio.

Essa concepção de fim da vida tem, pouco antes, uma passagem que chama à atenção:

Se eu morrer, morre comigo
um certo modo de ver.

Na simplicidade da passagem, algo é relevante. O poeta outorga-se o direito de ver com olhos seus e não com os de um outro. Essa posição, pode-se dizer, quase solipsista, é que faria Drummond, numa atitude magnânima, conferir valor àquilo que lhe ofereciam como criação poética própria e mesmo aceitar interpretações, às vezes inadequadas, de textos seus. Enfim, estava-se diante de “um certo modo de ver” que se confere a cada um.

Pois é nessa perspectiva que se propõem os textos desta publicação. São vários e múltiplos olhares que pousam sobre os versos do nosso poeta maior, num exercício analítico-interpretativo realizado por estudantes do Programa de pós-graduação em Letras da PUC Minas. A tarefa era, pois, buscar “um certo modo de ver” que desentranhasse da poesia de Drummond o que ela tem como coisa oferta a favorecer o desvendamento de seu claro enigma.

Esse certo modo de ver drummondiano propicia exercícios que vão muito além da simples leitura, uma vez que, para o poeta, o ver tem uma concepção mágica que parece herdada do mundo grego. Na verdade, como diz nosso mestre Jacyntho Brandão, “para um grego, ver é conhecer - o que o verbo *eidénai*, que significa *saber*, expressa bem, já que nada mais é que

*Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - Minas).
Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4135-4668>

ideîn, cujo significado é *ver*". Isso quer dizer que, para os gregos, saber uma coisa é resultado de *ter visto* essa coisa".¹

Diga-se que essa concepção do ver em Drummond ultrapassa o simplismo de aplicar os olhos sobre alguma coisa, de enxergar, mas é algo que dimensiona a condição de apreender no todo, isto é, como disse Jacyntho Brandão, *saber*.

Essa concepção mágica do ver tem uma expressão muito apropriada em seu poema-óptico abaixo:

TERRAS

SERRO VERDE

SERRO AZUL

As duas fazendas de meu pai
 aonde nunca fui.
 Miragens tão próximas
 pronunciar os nomes
 era tocá-las.

Como se vê na disposição gráfica, as duas fazendas se separam no tempo e/ou no espaço, mas estão ligadas, no segundo verso, pela posse comum do pai que alcança ambas. Essa espacialização é importante para abrir aquela fenda, no terceiro verso, que nega ao menino-eu poético a possibilidade de *conhecer* as fazendas, de *vê-las*. Mas isso não importa, pois o poeta pode mirá-las com os olhos de sua poesia que, tão mágica quanto sua visão, oferece-lhe a possibilidade de ir além do ver as fazendas, tal como se observa no acréscimo do sentido tátil (tocá-las) que se superpõe ao sentido da visão.

Volto, então, à magnânima e compreensiva aceitação com que Drummond recebia os exercícios de candidatos a poetas, assim como as análises-leituras de seus versos e ousou dizer que até nisso ele demonstra sua postura helênica. Falando da helenidade, Georg Lukács diz que "o grego só conhece respostas, mas nenhuma pergunta, só conhece soluções (às vezes enigmáticas) mas nenhum enigma, só conhece formas, mas nenhum caos".² Mas se Drummond não tinha perguntas a fazer, deduz-se que só dava respostas e o mais natural é que elas, ao invés de saírem de sua boca, ofereciam-se por inteiro em sua obra. E uma das mais sábias é aquela que ele postou no poema "Procura da poesia":

Penetra surdamente no reino das palavras.
 Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
 Estão paralisados, mas não há desespero,
 há calma e frescura na superfície intata.
 Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
 Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

1 Brandão, Jacyntho Lins. Nós e os gregos, in Marques Haroldo (Org), *Os gregos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 37.

2 Lukács, Georg, *Teoria do romance*, trad. de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, s.d.

Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.

Examinem-se, então, os textos que nossos alunos escreveram sobre a obra de Drummond. Quando os produziram, eles não estavam fazendo perguntas, mas obtendo respostas. Estavam, pois, indo ao *locus* adequado, procurando ver o que os textos do poeta se lhes oferecia como oportunidade de um singular conhecer. Pelo que produziram, desconfio mesmo que nossos alunos trouxeram a chave com que penetraram surdamente no reino das palavras.